

Alexandra Maria Soares Jorge
de Moraes Campello Pereira de Castro

Genealogia das Coisas, um Baú de Memórias



Genealogia das Coisas, um Baú de Memórias

Exemplar Numerado N° _____

Rúbrica da Autora

AUTORA

Alexandra Maria Soares Jorge de Moraes Campello Pereira de Castro

TEXTO

Ana Cristina Martins

PREFÁCIO

Vitor Manuel Escudero de Campos

APRESENTAÇÃO

Artur Anselmo Pereira de Castro

POSFÁCIO

Paulo Jorge Martins Mendes de Araújo

ILUSTRAÇÃO DA PÁGINA 3

D. José Maria da Piedade de Lancastre e Távora, 11º Marquês de Abrantes (José Abrantes)

ILUSTRAÇÕES EM AGUARELA: CAPA, GUARDAS E CAPÍTULOS

Paulo Jorge Martins Mendes de Araújo

DESENHO Ex-Libris “Alexandra Pereira de Castro – APC”

Paulo Jorge Martins Mendes de Araújo

ILUSTRAÇÃO DA CONTRA-CAPA

Ester Alexandra de Moraes Campello Pereira de Castro

LISONJA DA AUTORA

Lúis Camilo Alves

FOTOGRAFIAS

Alexandra Maria Soares Jorge de Moraes Campello Pereira de Castro

EDIÇÃO DE AUTOR

Alexandra Maria Soares Jorge de Moraes Campello Pereira de Castro

CONTACTO DA AUTORA

apclocalizacao@gmail.com

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Norprint – A Casa do Livro

1ª Edição: **Novembro de 2021**

DEPÓSITO LEGAL: **490290/21**
ISBN: **978-989-33-2460-8**

© *Direitos reservados ao autor*

“... baú de memórias resgatadas...”

As coisas que antigamente se amontoavam nos sótãos tinham uma função preciosa.
Eram sinal de um recalçamento e de uma resistência;
elas materializavam aquilo que tinha sido operatório e já não o era,
o que tinha perdido o seu sentido¹

«Atravesso apressadamente corredores e divisões depois de as franquear quase de supetão. A verdade é que a agenda demasiado preenchida dos meus dias me impede, na maioria das vezes, de saborear os recantos da minha própria casa. Os dias, os meses e os anos passam velozmente por entre compromissos inadiáveis e a cadência impiedosa de festejos cíclicos. Mas hoje, precisamente quando os tons dourados começam, aos poucos, a dar lugar ao conforto e intensidade dos castanhos avermelhados, eis que olho com interesse renovado para os espaços que compõem esta casa. Uma casa que calcorreio a diário sem a sentir e a respirar na plenitude. Uma casa que assistiu, firme, a episódios da mais variada natureza, acolhendo amores e desamores, amizades e inimizades, alegrias e tristezas, cumplicidades e traições, proventos e escassezes. Tudo isto vincado nas suas paredes onde ressoa mudamente o passado.

Hoje, porém, por melancolia ou nostalgia², eis que atento aos sons deste invólucro que me envolve, estima e resguarda, qual mãe e pai abraçando a sua prole contra receios, desgostos e intempéries.

Estou sozinha e por isso repouso demoradamente o olhar em fragmentos de um pretérito irrepitível, mas presente em quadros, gravuras, aquarelas e fotografias onde encontro momentos importantes da minha história familiar e, por inerência, desta mesma casa e das gentes que nela viveram e conviveram. Que diriam os meus antepassados das alterações ocorridas nos seus alçados, na própria orgânica e, até, no perpétuo movimento decorativo? Compreenderiam? Possivelmente. Mas talvez se incomodassem com o desmembrar de uma unidade por eles pensada, composta e mantida. Teriam, porém, noção dessa inevitabilidade, como a de uma árvore da qual brotam múltiplos e diferenciados ramos, troncos, galhos e folhas, embora viventes graças às suas fundas e robustas raízes. Desvio-me dessas representações e perpasso o olhar e a mão que vai sentindo as matérias de que foram afeiçoados móveis, esculturas, instrumentos musicais, elementos decorativos e objetos para os quais não encontro função no imediato. Mas a sua sobrevivência diz-me que importaram a quem os adquiriu, utilizou e legou. Curioso. Nunca tinha pensado nisso.

Eis que, de repente, desperta em mim a vontade de saber e conhecer mais sobre as coisas que fazem deste espaço a minha casa. Sim, porque uma casa só o é quando vivida na totalidade, com risos, sorrisos e lágrimas, com a correria de crianças desabridas e desafiantes, com caricias, reprimendas, incentivos, vergonhas, decepções e orgulhos. De contrário, serão tão só um edifício.

Mas, por onde encetar este meu afã súbito de entender a origem das coisas que preenchem os meus dias nesta casa? Poderia começar pelo exterior. Seria, na verdade, desafiante pelas muitas ligações a estabelecer, necessariamente, entre a casa, a multitude de equipamentos que pontuam a quinta e as opções de rentabilidade para ela pensadas durante gerações sucessivas. Ficarà, no entanto, para um outro momento, quando o conhecimento sobre a própria casa, no sentido arquitetónico do termo, for mais sólido. Sim, sem dúvida. Há que começar pelo interior.

Princípio, por conseguinte, pela casa ou, melhor, pelas coisas que encerra. Temo, contudo, dispersar-me perante a ausência de uma linha de pesquisa que me oriente. Daí que decida iniciar esta minha demanda por uma determinada tipologia de artefactos. Hesito. Transito por várias divisões e parece que nada me entusiasma a ponto de eleger uma peça a partir da qual desenrole todo um novelo de estórias justificativas de uma parte de mim mesma.

Enquanto mergulho nestes pensamentos, subo ao primeiro andar. Franqueio casualmente o antigo quarto de brinquedos. Já no seu interior, um objeto chama a minha atenção. Estaco diante dele. Trata-se, para minha surpresa, de um velho baú. Não me lembro dele, nem tão pouco de estar aqui guardado. A verdade é que há muito que não entro nesta divisão. Não havia necessidade de fazê-lo. Limitávamo-nos a guardar aqui os brinquedos que caíam em desuso à espera de uma nova geração que por eles se interessasse ou de uma oportunidade para os doar que parecia teimar em não surgir. Quanto ao baú, nem memória da sua existência. Como foi ali parar? A quem pertenceu? Que conterà? Aproximo-me e tento abri-lo. Vão tentativa. Está fechado. Olho em redor em busca da chave. Abro gavetas e armários, afasto brinquedos e... nada da chave. Evidente que poderei abri-lo mesmo assim, mas não quero fazê-lo, por respeito a quem lhe deu uso e aqui o manteve.

¹ Guillaume, Marc (2003) – A política do património. Porto: Campo das Letras, p. 118.

² Ibid. 150 pp.

Telefone, então, a um familiar na esperança de obter informações detalhadas sobre o baú. Diz-me que conterà papéis da mais diversa natureza e origem que poderão ajudar a traçar melhor os percursos de alguns dos nossos antepassados. Entusiasmada com a informação, pergunto pela chave. Responde que procure num determinado espaço do oratório existente na casa. Agradeço e desço apressada as escadas de acesso ao andar de baixo. Entusiasmada com a possibilidade de abrir o baú, quase tropeço numa das longas, coloridas e antigas tapeçarias. Refeita do sobressalto, abro a porta, aproximo-me do oratório e tateio demoradamente a base. Deparo-me com uma pequena depressão. Procedo exatamente como me indicaram minutos antes. Assim se abre uma insuspeita gavetinha de ínfimas dimensões. Dentro, a chave. Retiro-a, fecho o pequeno esconderijo e regresso ao quarto dos brinquedos.

Ansiosa e respirando já com alguma dificuldade, ajoelho-me defronte do grande baú, coloco a chave e rodo-a uma vez. Nada acontece. Rodo uma segunda e eis que ouço o tão aguardado som de abertura. Levanto, então, a pesada e já debotada tampa. Nada me preparara para o que vislumbro. Por entre inúmeras pastas de coro lavrado e caixas de tecido forradas, encontro, cuidadosamente dispostos, uns sobre os outros, à espera de que alguém os encontrasse, documentos relativos a bancos e seguradoras, assim como postais ilustrados, bilhetes de natureza diversa, carimbos, cartões de visita, envelopes, papéis de carta, convites, menus, fotografias, jornais, revistas, publicidade, marcas de escrivão, selos, pagelas e cartões de visita. Estou sem fôlego. Parece-me uma fantasia. Encontro-me perante mais de um século de vivências. Vivências que pretenderam perpetuar através destes testemunhos, como forma de evitar um incontornável luto³ ou, possivelmente, para o fazer em definitivo, como se de mnemónicas se tratasse para que, no futuro, alguém as recompusesse em nome de um passado que realçasse um futuro já feito presente e de novo futuro, agora por mão da minha própria descendente.

Extasiada com a quantidade, variedade e possibilidades de investigação, rapidamente me apercebo da urgência de inventariar todo o conteúdo do baú, antes de o digitalizar e acondicionar corretamente. Nada, porém, que me impeça de começar a estudá-lo, associando-o a outras coisas existentes na casa, submergindo numa estratigrafia de memórias. Certamente que ficarão mais perceptíveis com este meu exercício. Passo antepasso, reunindo e cotejando informação, entrevejo uma verdadeira tríade neste processo: casa, documentos gráficos e outros objetos a examinar de modo estratigráfico. Somente assim conseguirei construir a história de parte da minha família. Apenas deste modo poderei transformar coisas em estórias com rostos, contextos, textos e pretextos. Mas, este será outro desafio, quem sabe traduzível em livros que darei à estampa em anos vindouros. Preciso, no entanto, das chaves de outros baús, assim como de estantes das quais retirarei parte das fontes a consultar para alcançar com maior propriedade os seus conteúdos.

Até lá, espero que se deixem cativar por este livro que procura, num desempenho que poderia ser de trans-contextualidade e trans-memória⁴, conferir novo sentido a tudo quanto perdeu a sua função operatória original, neste anseio, mesmo que instintivo, de nos perpetuarmos, de nos tornarmos imortais por via das coisas.»⁵.

Esta podia ser a história de Alexandra Pereira de Castro na elaboração de mais um livro. Um livro que, neste caso, será o mais pessoal da autora. Nas suas páginas, Alexandra fixa um legado familiar destinado a fazer perdurar memórias e conhecer a origem das coisas (= documentos), enquanto objetos de memória e de sutura⁶. Através da sua leitura, a autora conduz-nos a recordações pessoais e familiares emolduradas por instantes concretos da história de localidades onde residiam, trabalhavam e sociabilizavam. Tudo, por intermédio de coisas, “esse objeto que adquire o seu valor singular ao articular os diferentes planos da memória.”⁷. Trata-se, por conseguinte, de um livro onde encontramos elementos que importarão a quem se dedique à história comparada da família, sociedade e mentalidades no período e na geografia por ele abrangidos, mas também à história da publicidade e da fotografia, do colecionismo e das coleções, do património material e imaterial, entre muitas outras áreas de especialização.

Ana Cristina Martins

Instituto de História Contemporânea – Polo da Universidade de Évora
UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

³ Id., Ibid.

⁴ Serrão, Vítor (2007) - A trans-memória das imagens: estudos iconológicos de pintura portuguesa: (séculos XVI-XVIII). Chamusca: Cosmos. 312 pp.

⁵ Texto ficcionado por Ana Cristina Martins.

⁶ Guillaume, Marc, Ibid., p. 118.

⁷ Ibid., p. 78.



Estep. Castro 21

ISBN 978-989-33-2460-8



9 789893 324608